

a terra é redonda

Jaider Esbell



Por **SAMUEL KILSZTAJN***

Homenagem ao escritor, artista, ativista dos direitos indígenas e arte-educador: um contraponto à loucura do progresso imposto pelo mundo da mercadoria

Meu amigo Walter Gomes da Silva, da Amoa Konoya, além de ter ascendência indígena, é negro. Na primeira semana de novembro de 2021, o Walter mandou para mim o texto *Pro dia da minha partida*, do Jaider Esbell, que achei belíssimo. Depois mandou outro texto falando de suicídios recorrentes de indígenas por enforcamento, e eu respondi que achei comovente, mas que, para boa parte da população Bolsonaro & Cia., o suicídio era a melhor solução para a questão indígena, era a melhor saída para os “índios”. Só na sexta-feira, accidentalmente, foi que me dei conta do suicídio do Jaider na terça-feira de finados. Eu que, como sempre, estava no mundo da lua, fiquei sem rumo e, ao assistir à entrevista do Krenak de 3 de novembro, entrei em parafuso, me senti completamente sem chão, desamparado. Ainda me lembra da gafe que havia cometido ao criticar o suicídio indígena, sem saber que o suicídio do Jaider já era um fato, já estava consumado.

O Walter havia passado com o Jaider o sábado inteiro anterior ao suicídio; foi o Walter que, anos antes, havia me apresentado dois artistas indígenas, que soube ser o Jaider e o Denilson; e vovó Bernaldina, depois que ela e o Jaider foram recebidos pelo Papa Francisco. A primeira saída cultural que eu havia feito, durante a pandemia, em setembro de 2021, fora à exposição Moquém_Surarî, de curadoria do Jaider, na Bienal/MAM. Assisti muito emocionado à leitura que o Jaider gravou do Makunaimã, poucas semanas antes de partir; li a peça e, posso dizer, o Jaider continua muito presente na minha vida, estrela que nunca se apaga. Ora (direis) ouvir estrelas! Olavo Bilac disse que só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender as estrelas.

Por ocasião do suicídio, eu estava editando o livro *1968, sonhos e pesadelos*. A princípio, fiquei desnorteado, sem conseguir me localizar no tempo e no espaço. Depois dediquei o *1968* “A Jaider Esbell, estrela que nunca se apaga, eterno líder em defesa do respeito à cultura e dos direitos dos povos nativos às terras do Brasil, que não nos abandonou em 2 de novembro de 2021, aos 41 anos de idade, em sua definitiva performance artística”.

A cultura dos povos indígenas do Brasil é um contraponto à loucura do progresso imposto pelo mundo da mercadoria. Mario de Andrade ajudou a difundir a associação dos povos indígenas à preguiça de Macunaíma, mais propriamente Makunaimã, ou Makunaimã. Jaider Esbell, pouco antes de sua partida, ao gravar a leitura de Makunaimã, reclamou que estava muito cansado. Denilson Baniwa descreveu o estado emocional do Jaider e a pressão do ávido mercado, que exigia que ele estivesse online e disponível o tempo todo para as webreuniões que o ajudariam a alavancar a novidade de suas obras e construir caminhos para os povos indígenas. Jaider Esbell foi engolido pelo mundo branco da mercadoria. Estressado pela pressão exercida pelo mercado e pelo papel histórico que tinha se atribuído em defesa do respeito à cultura e dos direitos dos povos nativos dessas terras, Jaider acabou se enforcando, que é o método mais utilizado nos recorrentes suicídios de indígenas. Depois que ele partiu, a grande mídia ainda preferiu silenciar a forma e a causa de seu encantamento.

a terra é redonda

Enquanto judeu, lembro que Szmul Zygielboim, membro do Governo Polonês no Exílio, sediado em Londres, cometeu suicídio em 11 de maio de 1943, em protesto à indiferença dos governos aliados face ao extermínio em curso do povo judeu. Não estou fazendo nenhuma apologia ao suicídio, mas certamente a vítima e o povo judeu não iriam querer que o manifesto de Szmul fosse silenciado, assim como a grande mídia, por falso decoro, silenciou o suicídio de Jaider em 2 de novembro de 2021. O cacique Krenak sempre diz que o mercado é uma máquina que come tudo, montanhas, rios e honra; mas ver a mercadoria engolir o Jaider, tão dono de si, foi um baque, uma tragédia grega (na referência dos brancos)... antes o Jaider tivesse dado vazão e se entregado à preguiça associada pelo Mario aos povos indígenas.

Jaider Esbell, artivista, artista e ativista, havia publicado em 2013 o texto “Pro dia da minha partida” em *Tardes de agosto, manhãs de setembro, noites de outubro* (Boa Vista, edição do autor, 2013). Em 2021 foi destaque da Bienal de São Paulo, em curso em meio a seu encantamento; suas gigantescas serpentes infláveis no lago do Parque do Ibirapuera maravilharam os paulistanos; e ele estava muito feliz, porque duas de suas obras tinham acabado de ser adquiridas pelo Centre Pompidou. Jaider havia chegado a esse lugar que os brancos consideram sucesso, a melhor fase de sua carreira, esse fake-sucesso-branco, nas palavras de seu maninho Denilson Baniwa. Jaider enfim acendeu no céu a sua estrela para nunca mais se apagar.

Em 26 de outubro de 2022, o SESC São Paulo, sob a curadoria de Lisette Lagnado, inaugurou a exposição “A Parábola do Progresso”, que questiona a doutrina do progresso, este engodo que propiciou a invasão das Américas, o genocídio indígena, o tráfico e utilização de mão de obra escrava de africanos e a política do embranquecimento do país. Na abertura da exposição, um representante indígena guarani da Aldeia Kalipety fez um discurso de 20 minutos para 400 pessoas. O Walter, que chegou mais tarde, perguntou se o discurso havia sido em português ou em português e guarani, e eu respondi, “nenhuma das alternativas anteriores”, porque o discurso foi só em guarani, nem uma palavra foi pronunciada em português, nem mesmo o tradicional “boa noite”. Isso é que é comunicação, isso é um grito de resistência.

Desgraçadamente, para o sistema, Jaider Esbell vale mais morto do que vivo; suas obras, depois do suicídio, subiram vertiginosamente de valor no mercado da arte. Por outro lado, o artivista Jaider Esbell, que em vida se empunhava em incentivar inúmeros artistas indígenas, passou a alavancar a autoestima e a manifestação artística dos povos originários das Américas.

***Samuel Kilsztajn** é Samuel Kilsztajn é professor titular da PUC-SP. Autor, entre outros livros, de *Shulem, Returnees e Yiddish* (<https://amzn.to/3ZkegH7>).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)